



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

PROJECTO DE LEI N.º 147/IX

CRIAÇÃO DA FREGUESIA DO FURADOURO, NO CONCELHO DE OVAR, DISTRITO DE AVEIRO

Documentado desde 1354, numa composição entre o prior do Mosteiro de Grijó e um invasor da gelfa, feita em Cabanões a 5 de Dezembro, primeira colónia de pescadores de Ovar, grande porto de pesca na segunda metade do século XIX, capital, ainda há poucas dezenas de anos, do palheiro de pau a pique revestido até ao solo, o lugar do Furadouro é actualmente uma concorridíssima praia de banhos, além de dormitório da cidade de Ovar.

1 — Sua etimologia

Os dicionários coreográficos referem o vocábulo Furadouro como freguesia, herdade, quinta ou monte, lugar ou povoação e praia.

Antigamente, o vocábulo teve o significado de «atalho por onde alguém foge sem ser visto» (António de Moraes Silva, *Novo Dicionário compacto da Língua Portuguesa, e grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XI. Para Moraes escreve-se Furadouro ou Furadoiro), podendo equivaler a buraco (José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Machado distingue Furadouro e Furadoiro, este igual a de furar).



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Qual a proveniência deste nome no que concerne à freguesia de S. Cristóvão de Ovar?

Para o agrónomo João Vasco de Carvalho (*Monografia da freguesia rural de Ovar, in: Boletim da Direcção Geral da Agricultura, 11.º ano, n.º 5, 1912*), devia escrever-se com mais propriedade Aforadouro, dado que a designação proviria de «ter sido uma parte daquele vasto areal aforado».

Para o Padre André de Lima (*Espinho. Breves Apontamentos para a sua história*), «Furadouro quer dizer fora-Douro, isto é, fora da província do Douro ou a primeira costa de pesca ao sul da foz do Douro» (*Espinho. Boletim Cultural, vol. I*).

Já para o Padre Miguel de Oliveira, «o Furadouro devia designar, na origem, uma das barras intermitentes da Ria» (*Ovar na Idade Média, 1967*); e para este historiador ainda «poderá pensar-se na existência de uma barra em frente de Ovar, se naquele discutido documento em que se fala no porto de Obal há elementos atribuíveis ao ano de 922» (*Idem*). Na esteira do Padre Miguel de Oliveira, Maria Lucília Folha Marques afirma que «é natural que o nome Furadouro designasse, na origem, uma dessas barras intermitentes, talvez existisse ali uma lagoa que com frequência furasse, isto é, ficasse em comunicação com o mar» (*Pescadores do Furadouro, 1956*).

Finalmente, para o Dr. Eduardo Lamy Laranjeira (*O Furadouro, 1984, e Notícias de Ovar, de 18 de Dezembro de 1997*), Furadouro tem «o significado de atalho ou caminho de difícil acesso. As dificuldades que as pessoas experimentavam em atingir a praia, separada da Vila por zonas



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

pantanosas, de mato, de gramíneas altas e por um ribeiro a meio do caminho, deve em grande parte explicar a razão da palavra».

2 — As artes pequenas ou chinchorros (século XVI - 1776). A pesca da sardinha (1501)

O litoral de Ovar, com um mar de pequena profundidade e a passagem da corrente do Golfo, apresentou sempre condições óptimas para a vida dos peixes, nomeadamente daqueles que vivem em cardumes densos, como as sardinhas. «A primeira referência à pesca da sardinha, encontramos-la numa queixa apresentada no Desembargo do Paço, em 1501, contra o Conde D. Diogo Pereira. Diziam os povos ribeirinhos que ele, abusivamente, «levava a metade de toda sardinha que os moradores e quaisquer outras pessoas de suas terras matavam ou achavam morta pela costa do Mar» (Miguel de Oliveira, *Ovar na Idade Média*, 1967).

Durante séculos a sardinha de Ovar (Furadouro) teve fama e proveito. Almeida Garrett, no seu romance histórico *O arco de Sant'Ana* (1845), passado no tempo de D. Pedro I, na cena em que o meu Pero Cão descreve o povo revoltado ao opulento e orgulhoso bispo do Porto, faz aquele afirmar que «é mais basto do que bando de sardinhas de Ovar».

«Os pescadores tinham adaptado à pesca pelágica os chinchorros empregados na águas interiores, e criado o tipo de barco em forma de meia lua para atravessar a rebentação da costa, organizando-se para a exploração do mar, em companhias de tipo cooperativista rudimentar» (Rocha e Cunha, *Relance da histórica económica de Aveiro*, 1930).



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Os pescadores ovarenses «em 1600 eram não menos de duzentos, constituídos em quatro Companhas, com os seus Capelães, denominadas: Urré, Embirra, Sabão, Paridos, se é verdadeira a tradução quanto aos três últimos nomes» (João Frederico Teixeira de Pinho, *Memórias e Datas*, 1959), e pescavam com as artes pequenas ou chinchorros, que iam fazer e consertar na capela de Santo António, construída à volta de 1693 e donde os expulsaram em 1716.

Ao chinchorro «assistem trinta até quarenta homens, ou mais» (reitor de Paramos, em 1758, para *O Dicionário Geográfico*). O chinchorro do Urré ou Ourré é ainda citado em 1739, o de Parido ou Paridos em 1725.

A 30 de Abril de 1758 o vigário de Ovar, João Bernardino Leite de Sousa, informa para *O Dicionário Geográfico* que «meia legoa distante da villa está a Costa do Mar, he brava e sem enseada, nem pedras; nesta lanção os moradores em alguns dias de verão quando estão sossegadas as suas ondas, as redes de Arrasto, de que uzão; e com maior abundância pescão sardinhas».

3 — A conquista do litoral - na Torreira e nas Areias (1594), a capela da Senhora das Areias. Pescadores de Ovar em Aveiro

Os pescadores de Ovar quando abandonaram, no século XVI, a pesca na ria e se dedicaram aos trabalhos do mar fixaram-se, primitivamente; no lugar onde hoje se ergue a martirizada praia do Furadouro, que foi a sua primeira colónia; depois, nas estações próprias, partiram para o norte e para o sul, à escolha de tiradouros para exercer a pesca, estabelecendo outras



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

colónias entre o Douro e o Vouga e, finalmente, atingiram outros locais do litoral português muito afastados da terra natal.

No século XVI, avançado para o sul, através do cordão litoral, alcançam os lugares da Torreira e das Areias, erguendo neste último uma ermida que é anterior a 1549.

O lugar da Torreira, que tinha em 1758 (informação para o *Dicionário Geográfico*) um vizinho, deixou de pertencer à freguesia de Ovar em 1855. A praia da Torreira já tinha sido desanexada em 1835.

O lugar das Areias (áreas de S. Jacinto - 1958), tinha dois vizinhos nesse ano. A partir de 1855 deixou de pertencer, também, à freguesia de Ovar.

Fundada por pescadores de Ovar, a Capela da Senhora das Areias, «merecia à Câmara de Ovar particular atenção e apreço. Ela não faltava nunca à festa anual, incorporando-se na procissão, com toda a solenidade» (Manuel Lírio, *Monumentos e instituições religiosas, 1926*).

Um dia, pelo ano de 1744, os pescadores ao puxarem as redes junto à ermida trouxeram dentro delas uma imagem a que chamaram S. Jacinto. Antes da transferência, em 1856, da Capela de S. Jacinto, para o pároco da freguesia do Espírito Santo de Vera Cruz, de Aveiro, os pescadores trouxeram para Ovar o seu retábulo e ricos paramentos de seda.

Refere o Dr. João Pedro de Melo Ferreira (*Breve subsídio para a história da actividade piscatória marítima em Ovar, 1995*), que «em meados da centúria de quinhentos, a presença habitual dos pescadores de Ovar em Aveiro acabou por atrair a atenção e a cobiça do Prioste da Igreja de S. Miguel desta vila, tendo este começado a recolher indevidamente o



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

dízimo sobre o pescado que os marmoteiros aí vendiam. Logo que a Sé do Porto tomou conhecimento da situação, instaurou acção contra o referido Prioste, pedindo o reconhecimento do seu direito exclusivo de liquidação da dízima sobre os pescadores de Ovar e obteve vencimento no Tribunal da Relação».

Segundo João Frada (*Praia de Mira, 1983*), o areal dos Palheiros da Tocha foi visitado, nó princípios do século XVI, por «pescadores oriundos do Norte (Ílhavo, Ovar e Murtoosa)».

4 — A Atalaia do Furadouro

Segundo o general João de Almeida (*Roteiro dos monumentos militares portugueses*, vol. II, 1946) a 17 de metros de altura, no cimo dum cabeço de areia sito no lugar do Carregal do Sul, junto à Ria, «existiam ainda em meados do século passado os vestígios de uma construção castrense cuja pedra foi em parte utilizada na construção do marco geodésico. Tratava-se, sem dúvida, duma atalaia, composta de uma torre, circundada de um pequeno recinto amuralhado, destinado a servir de vigia e a defender dos ataques dos Normandos e Bárbaros as povoações costeiras».

A Atalaia do Furadouro é, aliás, o único momento militar, citado pelo autor, no concelho.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

5 — Pescadores de Ovar em Matosinhos (1680), em Vila do Conde (século XVII) e na Póvoa de Varzim (século XVIII)

Óscar José Lima Fanqueiro (*A população de Matosinhos e Leça em 1680*, in: *Boletim da Câmara Municipal de Matosinhos*, n.º 26, 1982; em *Aspectos do passado da pesca de Matosinhos*, dactilografado; e no *Notícias de Ovar*, de 3 de Junho de 1999) refere que a população piscatória de Matosinhos, já em 1680, nos aparece com elementos provenientes da região de Ovar, como se pode verificar através da sua antroponímia.

Para Oscar Fangueiro, os vareiros aparecem no século XVII em Vila do Conde e no século XVIII na Póvoa de Varzim.

6 — O pinhal de Ovar (1723 -1893)

No Litoral de Ovar, baixo e arenoso, as ondas do mar impeliam continuamente as areias para terra, areias que o vento varria para a praia formando medos e dunas que, sem obstáculo, caminham inexoravelmente alguns metros por ano para o interior, ameaçando a povoação, as suas terras de cultura, as suas hortas e pomares.

Era necessário, pelo indústria do homem, fixar com vegetação apropriada a duna, defendendo assim a vila e os seus arredores. Impedir a invasão das areias, evitando graves prejuízos, foi uma ocupação centenária do povo ovarense que semeou, continuamente, pelo menos de 1723 e 1887, pinhais ao norte e ao poente do povoado:



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

As sementeiras dos pinhais, destinadas à estabilização das areias, devem ter sido iniciadas na primeira década do século XVIII, já que em 1723 o conde de Aveiras, D. Duarte António da Câmara, em nome do Infante D. Francisco, senhor da Casa do Infantado, dirigiu uma carta ao senado para se continuar a sementeira em frente da vila.

Por provisão de 3 de Setembro de 1785 foi concedido, por 15 anos, o real da areia e sementeiras dos pinhais, para a continuação destas; outra provisão, de 12 de Janeiro de 1801, conseguida a instâncias do escrivão da Câmara, António José Chaves Pereira Valente, prorrogou o real da areia até à conclusão das mencionadas sementeiras e seus reparos.

O revestimento florestal, remédio que os ovarenses julgaram aconselhável, deu como resultado a formação duma extensa mata ou pinhal, denominado tapagens, estrumada ou monte municipal.

A estrumada devia corresponder à estromeira a que se referem documentos da Idade Média (*Ovar na Idade Média*, 1967).

7 — A conquista do litoral - os marmoteiros do Douro (1725-1759), a Afurada, a Capela da Senhora do Bom Sucesso ou de S. Paio (1732), o levante dos pescadores (1737), e a fundação de Espinho (1749). As cartas na costa do Furadouro em 1763

Entre 1725 e 1759, pelo menos, os pescadores ovarenses encontram-se no rio Douro, onde, são conhecidos por marmoteiros. E, como nos séculos XVI e XVII, não se fixam nos lugares que atingem, a norte e sul do Furadouro, continuando a regressar a Ovar.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A Afurada, povoação piscatória na margem esquerda do rio Douro, junto à sua foz, deve ter sido fundada por pescadores de Ovar. Para Oscar Figueiro (*Notícias de Ovar*, de 3 de Junho de 1999), porém «não há factos históricos que confirmem a sua fundação por gentes oriundas de Ovar».

Deve ter sido construída em 1732 a Capela de N.^a Sr.^a do Bom Sucesso, por pescadores de Ovar, em pleno areal, entre o mar e a ria, no lugar da Torreira. Neste ano lavrou-se contrato de fiança para a construção da Capela, também denominada Capela de S. Paio.

Deixou de pertencer à paróquia de Ovar, por portaria de 10 de Setembro de 1856, tuas, antes da sua transferência para a paróquia de Santa Maria da Murtosa; os pescadores subtraíram-lhe a imagem de N.^a Sr.^a do Bom Sucesso, actualmente pertença da Misericórdia.

Os pescadores, formando uma classe numerosa e coesa, estiveram presentes em muitos acontecimentos da cidade de Ovar. Em 1737 originaram um grave motim visando António Pereira Valente, que foi familiar do Santo Ofício, alferes de ordenanças e juiz ordinário.

A cidade de Espinho teve origem numa colónia de pescadores da praia do Furadouro. Para o Padre António André de Lima (1866-1933), filho de pescadores, que foi abade da freguesia de Esmoriz, de 1905 a 1933, a colónia de Espinho foi fundada por pescadores de Ovar, «antes de 1737, porque a 17 de Junho, e dias seguintes, desse ano, houve em Ovar uma revolta contra o administrador do pinhal da Estrumada, que vinha de ser semeado, e segundo a tradição, nela tomaram parte pescadores das costas de Espinho, Torreira e S. Jacinto.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Mas, para o mesmo Padre André de Lima, só depois de 1771 é que os pescadores do Furadouro que trabalhavam na praia de Espinho «começaram a baptizar os seus filhos na freguesia de Anta, de que Espinho era lugarejo e a enterrar os seus mortos depois de 1774» (*Apontamentos para a história da praia de Espinho*).

Segundo o Padre Aires de Amorim, «a existência dos vareiros em Espinho data, pelo menos, de 1749». Neste ano, Manuel Pereira, de Ovar, manifestou um pipa do maduro, para vender na praia; e, em 1753, Manuel Pinto, também de Ovar, manifestou seis.

Sabemos, refere ainda o Padre Aires de Amorim, «que os vareiros começaram a estabelecer-se em Espinho no século XVIII. Segundo ordens régias de 1778 e 79, foram concedidas 302x133 varas de superfície de areal a 29 foreiros de Ovar, residentes em Espinho, para as suas habitações. No ano seguinte a Câmara Municipal da Feira condenou 42 moradores, por terem feito 48 casas de tabuado, nos bens do concelho, sendo 34 de Ovar».

Em 1777, Espinho tinha 48 palheiros, pertencentes a 46 moradores, sendo 34 de Ovar.

Os pescadores da Companhia Nova de S. José de Espinho, que trabalhou, pelo menos, até 1793, eram todos de Ovar, segundo ainda nos elucida o Padre Aires de Amorim.

Por último, Joaquim Tato, nos Subsídios para a história de Espinho, refere que «os primeiros ovarenses que para aqui vieram eram independentes quanto a cumprir os preceitos de nascimentos, baptizados e mortos, pois estas cerimónias eram realizadas nas suas terras. Finda a época regressavam com os seus barcos e as redes. Daí é que só mais tarde



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

apareceram registos na freguesia de Anta! Quando andei a verificar os registos no tempo do Padre Paulo José da Foz, da referida freguesia, em 1759, no livro de registos de 1774, encontrei o assento de óbito de Maria de Oliveira, de Ribas de Ovar, e no ano de 1771, o do baptismo de um indivíduo nascido na costa de Espinho. Foram estes os primeiros assentos que se encontraram».

A companhia do Ala, de Ovar, em 1810 e 1818 trabalhava na costa de Espinho.

Em 1811, fez-se em Espinho «a escritura da Companhia de S. José de Ribamar, composta de 102 pescadores de Ovar e assistentes na dita praia de Espinho» (Padre Aires de Amorim).

«Foram os pescadores de Ovar que, das costas do Furadouro trouxeram o culto de Nossa Senhora da Ajuda para Espinho» (Francisco Azevedo Brandão, *O culto de Nossa Senhora da Ajuda em Espinho*).

Em 1763; uma relação dos Rendimentos da Comarca da Feira refere que na costa de Ovar (Furadouro) trabalham ao presente 16 artes; tem mais as Artes que pescam no distrito de N.^a Sr.^a das Areias (S. Jacinto) e não costumam ter número certo; tem mais as Artes que pescam no distrito da Costa acima (Espinho) – Arquivo Nacional da Torre do Tombo – *Relação das Rendas da Casa da Feira*, 1763, Tombo de Ovar; fol. 304.

Para a Dr.^a Inês Amorim (*Aveiro e sua provedoria no século XVIII - 1690 - 1814*, Faculdade de Letras do Porto. Curso de História, 1996), «mesmo que se trate de chinchorros, que documentos da época (Memórias Paroquiais de Paramos e de Esmoriz) indicam ter de 30 a 40 homens, diríamos que, só frente a Ovar, no Furadouro, trabalhavam entre 480 a 640



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

homens, fora as de Espinho e S. Jacinto Em 1801 já se estima perto de 666 pescadores, exclusivamente na freguesia de Ovar, sem contar com os portos a norte».

8 — Os piratas argelinos(1754). O drama marítimo «Os Hallas».

Com as artes pequenas ou chinchorros «não se atreviam os pescadores a afastar-se muito da Costa, mas havia então outro perigo de que eles se temiam ainda mais do que as ondas: eram o piratas argelinos. Em Julho de 1738, ao perseguirem uma caravela portuguesa, alguns deles encalharam com o seu barco e foram presos una praia de Esmoriz. Em Abril e Maio de 1754, fizeram grandes devastações por esta costa, principalmente em Ovar» (Miguel de Oliveira, *Ovar na Idade Média*, 1967).

Um folheto de cordel, intitulado *Relaçam do roubo, e piratarias que nas costas do Norte deste Reyno, principalmente no Var districto da cidade do Porto, fizeram os corsários de Argel. Em Abril, e Mayo do presente ano de 1754. Noticia certa participada por varias pessoas da mesma terra, e outras de Ilho. Escrita por Joam de Santiago Froel; informa que os argelinos apanharam 14 lanchas de pescadores, das quais nenhuma trazia menos de 17 homens.*

«Nos meados do século passado, o literato ovarense Licínio Fausto Cardoso de Carvalho compôs o drama marítimo, *Os Hallas*, ainda inédito, cuja figura central é um dos membros da companhia do Halla, raptado pelos



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

argelinos na praia do Furadouro, por uma noite de S. João». (Miguel de Oliveira, *Idem*).

Este drama, parte do qual foi publicado no *Jornal de Pardilhó* em 1930 e cujo manuscrito foi legado ao Museu de Ovar em 1970, compõe-se de 4 actos, intitulados *A costa do Furadouro*, *A Nau do Corsário*, *A Ermida de Entráguas* e *A Noite de S. João*. Numa noite de S. João, os piratas argelinos raptaram um membro da família Halla, nome duma companha de pesca da praia do Furadouro - a companha dos Alas ou Arte Velha, que trabalhou, pelo menos, entre 1785 e 1820, na costa do Furadouro. Este cativo tornou-se muçulmano, o que não causou espanto aos piratas dado o seu nome ser semelhante ao de Allah, nome aquele que ia gravado nas suas roupas. Fugindo mais tarde e regressando a Ovar pretendeu casar-se catolicamente e, para o conseguir, recorreu ao bispo D. Diogo Lobo, que morava junto à capela de N.^a Sr.^a de Entráguas.

O drama *Os Hallas* foi levado à cena no Teatro de Camões; a 10 de Março de 1855, sendo o papel de Solisa desempenhado por Júlio Dinis.

9— A Capela Velha do Mar (1766-1936). A festa do mar ou dos pescadores

A primitiva Capela do Furadouro, a Capela Velha do Mar (1766-1939), da invocação do Senhor da Piedade, que substituíra uma ermida de madeira erguida em 1759, situava-se na continuação da Avenida Central de Furadouro, voltada para o oceano, e tinha a forma de oratório ou pequeno forno.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Esta capela, a que tinha sido aditado, em 1935, pela Junta de Turismo do Furadouro, um varandim, veio a ser derrubada pelo mar em 1939.

A festa do Mar ou dos Pescadores é o nome dado à conhecida e popular romaria do Senhor da Piedade, na praia do Furadouro.

No ano de 1954, a Câmara solicitou que fosse considerado feriado concelhio a 2.^a feira imediata ao 3.^o domingo de Setembro, isto é, o dia em que se realizava a Festa do Mar na praia do Furadouro.

A romaria do Furadouro e a romaria de S. Paio da Torreira, eram as duas grandes festas marítimas do distrito de Aveiro.

Os festejos que atraíam à praia do Furadouro inúmeros forasteiros, realizavam-se (ainda hoje se realizam) num domingo de Setembro: no sábado anterior os andores dos santos padroeiros das companhas, conduzidos por pescadores, chegavam ao Furadouro provenientes de Ovar; no Domingo a procissão percorria a beira-mar e as principais ruas das povoações, parando em frente à capela do Senhor da Piedade para o abade lançar a benção ao mar. Quando passava junto aos armazéns das companhas eram lançadas numerosas girândolas e foguetes; à noite havia arraial, iluminações, bandas de música e fogo.

De 1961 a 1976 não se realizaram as festas do Furadouro, mas em Setembro de 1977 as festas profanas e religiosas voltaram a animar a praia. De 1981 a 1991 houve novo interregno (11 anos sem festas).

Em 1992 a Comissão de Melhoramentos do Furadouro, retomou e mantém a sua realização.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

10 — A pesca no Furadouro - João Pedro Mijoule e a «fábrica do estrangeiro» (1776) de conserva de sardinha e extracção do sal, as artes, as artes grandes ou de xávega (1776-1968); a companha do senhorio ou do terço (1776-1905), o sistema de um único barco (1776-1838, pelo menos), o direito de primazia (1776-1861), barcos à fateixa, as redes tiradas à mão (1776-1884)

A partir de 1750, segundo nos elucida Francisco López Capont (*El desarrollo industrial pesguero en el siglo XVIII. Los salazoneras catalanes llegan a Galicia*. 1998), começaram a chegar às rias do Sul da Galiza (inicialmente na Ria de Arosa), os primeiros salazoneros da Catalunha, com uma nova tecnologia da salazón, da salgadura ou salga.

Em 1751, o Bou de Arraste; enorme xávega puxada por bois, já está popularizada em Sanlúcar de Barrameda; em 1754, viria a ser proibida em França o Boeuf (Buey; rede de arrasto), que tinha sido copiada pelos catalães.

A denominada emigração catalã dos Fomentadores, com um novo delineamento empresarial, com a melhoria dos meios de captura da sardinha (designadamente com a xávega, nova rede de arrasto), com novos métodos de salgadura ou salga, veio modificar a situação da pesca na Galiza, que era de quase subsistência, nitidamente familiar, sem nenhuma organização industrial.

No mesmo sentido, escreveu Valentim Paz - Andrade (*Sistema económico de la pesca en Galicia*, 1958): - Alguns fomentadores catalães cujo negócio languescia por escassez de pesca na costa do Mediterrâneo,



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

transferiram-se para portos mais favorecidos pela abundância, na costa galega». Estes catalãos, que chegaram em meados do século XVIII, «acabaram dominando a indústria da sardinha, especialmente na fase da semi-conservação por salmoura. No segredo do seu triunfo entraram vários ingredientes. Alguns, de ordem técnica, como a introdução dos aparelhos com sacos - o bou e a xávega» ou «como a implantação do prensado para reduzir o coeficiente gorduroso da sardinha salgada, aproveitar o azeite como produto e melhorar a qualidade do artigo. Os catalãos, além disso, trouxeram o espírito de empresa. Antes da sua chegada, a pesca e a salgadura na Galiza eram puramente artesanais, familiar ou gremial».

Em 1776, um quarto de século após a chegada dos catalãos à Galiza, o comerciante francês João Pedro Mijoule, natural do Languedoc, registou na Câmara Municipal de Ovar a carta de privilégio que lhe tinha sido concedido pelo rei D. José.

Com alguns catalãos, conhecedores de novos métodos de conserva de peixe e de um novo processo de pesca, a xávega, Mijoule veio habitar para Ovar no início do último quartel do século XVIII.

Entre os reduzidíssimos palheiros e recoletas que, então, existiam no Furadouro, levantou uma fábrica de conserva de sardinha e extracção do sil ou óleo de peixe, que veio a ser denominada por fábrica do estrangeiro.

Mijoule, com os catalãos que trouxe consigo, foi o iniciador nas costas de Ovar, principalmente na costa do Furadouro, das artes grandes ou de xávega, das fábricas de salga e moura da sardinha, e do espírito de empresa, isto é, das companhias do senhorio ou do terço, em que intervinha



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

já o capital, em substituição das companhias antigas, do tipo cooperativista rudimentar.

Com o conhecimento do processo de conservação de peixe e com a proibição de importar sardinha da Galiza, movimentou-se o comércio e desenvolveu-se a pesca no Furadouro e nas costas vizinhas, atingidas pelos seus pescadores.

Pesca-se agora muito mais, e o peixe pode ser conservado, vencendo-se a dificuldade do seu transporte para Ovar e interior do País.

Cientes de que o segredo é a alma do negócio, Mijoule e os seus catalães procuraram que o processo de conserva da sardinha não passasse das quatro paredes do seu armazém de ressalga.

Mas não puderam encobri-lo por muito tempo.

O padre André de Lima, no seu trabalho Espinho. Breves apontamentos para a sua história, publicado na Gazeta de Espinho; deu-nos urna versão da descoberta do segredo:

Jean Pierre Mijouie recolhia a sardinha «em dornas ou tinas, d'antemão munidas de água e sal ou salmoura, onde ela se conserva durante meses e até anos sem se estragar. Para que o seu segredo se não divulgasse, o francês recolhia a sardinha, encerrava-se com os seus operários (catalães) na fábrica, não consentido que pessoa alguma estranha ali penetrasse».

Os pescadores «viram desde logo a utilidade que lhes adviria do conhecimento do processo; mas o francês e os seus catalães aferravam-se ao segredo e não era possível fazê-los falar sobre o caso. Às interrogações que lhes dirigiam, respondiam com o silêncio e fechavam-se como um sepulcro impenetrável».



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

«Compreendiam como se vê, que ensiná-los seria trazer para o campo concorrentes que fatalmente lhes vinham baratear a fazenda. Daí as suas reservas e o seu segredo».

«Um dia, porém, um dos pescadores conseguiu subir cautelosamente ao telhado da fábrica no momento em que laborava e, fisingando a vista através do orifício duma telha imperceptivelmente levantada, tudo viu e compreendeu num relance, descendo para ir contar alegremente aos seus companheiros de pesca a descoberta que acabava de fazer!»

Estava finalmente desvendado o segredo francês. O seu processo dentro em breve tornou-se conhecido e passou a ser usado, não só pelos pescadores do Furadouro, mas também pelos das outras costas de pesca, onde a notícia, como é fácil de imaginar, chegou rapidamente».

Com referência às fábricas de salga e moura da sardinha, o inquérito industrial de 1890 fornece-nos um panorama completo dos depósitos de sardinha da costa do Furadouro: - «O número de armazéns é, aproximadamente, de 60, sendo quatro providos de dois lagares de duzentos milheiros, e tendo os restantes a média de seis dornas de vinte milheiros. Em média trabalham em cada armazém cinco mulheres, além de duas permanentes (pescadeiras), às quais cumpre passar a sardinha das dornas para barricas quando apareça comprador. Habitualmente a sardinha só é salgada depois de a haverem escorchado, isto é, despojado de cabeça e intestinos, até ao mês de Agosto; passada essa época, e quando à abundância seja grande e o tempo não sobre, salgam-na sem precedência de tal preparo. A extracção de óleo, ao qual na localidade chamam sil, é, em geral, feita depois do mês de Agosto por meio de pressão; a que sujeitam a



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

sardinha depois de acamada nas barricas, pressão que varia segundo os lugares para onde deva ser expedido o peixe, visto em alguns o preferirem mais seco, e em outros mais gordo».

O sil era uma «gordura ou óleo que, antigamente, os pescadores extraíam das tripas e cabeças das sardinhas, espadilhas, etc., derretendo-as ao calor do sol, em barris, dornas, selhas, etc.» ou por meio de prensas características. «O sil era muito empregado na iluminação e conservação das madeiras dos palheiros, barcos, etc. «Arlindo de Sousa).

Com a decadência da pesca na costa do Furadouro os armazéns foram diminuindo e, em 1956, existiam na praia somente 13, dando trabalho a número incerto de mulheres. «Este trabalho divide-se em duas etapas: o trabalho na praia e depois o trabalho no armazém.

O primeiro tem três fases - escorchaçar, lavagem e acastação - o peixe é amanhado, depois lavado no mar e em seguida acastado para o armazém.

Uma vez no armazém, é posto numa moura simples para no dia seguinte ser acamado nas caixas. Depois pregam-nas e transportam-nas para o carro que as levará à estação dos caminhos-de-ferro ou para o destino directamente» (Maria Lucília Folha Marques, Pescadores, do Furadouro, 1956).

Os pescadores de Ovar na idade Média usavam a pinaça, embarcação segura e ligeira, de vela e remo que, segundo Viterbo, «de sem de pinho lhe proviera o nome», e a barca; quando pescavam na laguna que, com a sua configuração, marés, clima e fauna marítima abundante e variada, era propícia aquela indústria.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Porém, as modificações verificadas no litoral conduziram à decadência da pesca na ria e, conseqüentemente, levaram os pescadores ovarenses de antanho para as fainas do mar, sem litoral acolhedor, primeiramente para uma pesca marítima rudimentar - as artes pequenas (século XVI - 1776) - depois para uma pesca mais intensa e melhorada - as artes grandes (1776 - 1968), - com João Pedro Mijoule e os catalãos.

Em 1750 os catalãos tinham introduzido na Galiza a xávega (as artes grandes), contra a qual reclamaram os galegos, alegando que exterminava a pesca.

Segundo Francisco López Capont (ob. cit.), «no Século XIX surgiram no Furadouro violentas reacções às artes novas (as xávegas)».

Às companhias antigas, de tipo cooperativista rudimentar, que vigoraram do século XVI ao último quartel do século XVIII, sucederam as companhias do senhorio ou do terço (1776-1905), de tipo misto, em que intervinha o capital.

A 2 de Maio de 1906 inicia o trabalho no Furadouro uma sociedade por quotas em moldes muitíssimo diferentes dos habituais, a sociedade por quotas Boa Esperança ou companhia do Conde, cuja gerência foi confiada, por eleição, a Francisco de Matos. A industrialização convertia a pesca em organização capitalista.

Quando começaram as artes grandes, em 1776, as companhias na costa do Furadouro usavam na pesca da sardinha um único barco, sistema que se manteve, pelo menos, até 1838.

Com as artes grandes tornaram-se frequentes as rixas entre os pescadores em razão da primazia (1776-1861) em lançar as redes. A



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

questão da primazia veio a ser minuciosamente regulamentada nas posturas de 1843, e, finalmente, as posturas de 1862 extinguiram e proibiram «o costume que havia de pôr dentro do mar os barcos à fateixa dum dia para o outro, bem como a preferência de lanço e escolha de lugar». Qualquer companhia pôde desde então, «lançar a toda a hora a rede não estando o lugar ocupado por outra que tenha primeiramente lançado a sua».

Terminado o direito de primazia, que durara de 1776 a 1861, tomaram relevo as recachias, competições que consistiam em os barcos remarem com força até ao largadoiro com o fim de ganhar preferência ao melhor lugar para lançar a rede, e que originavam, também, frequentes desordens.

Desde 1776 até pelo menos 1838, como já se referiu, cada companhia na costa do Furadouro, quanto às artes grandes, empregava um único barco em cada lanço para levar as cordas e a rede. Mais tarde, dado o tamanho da rede e das cordas ter aumentado, passaram a usar-se dois barcos para a sua condução.

Primitivamente (1776-1884) as artes grandes eram tiradas à mão, por homens, mulheres e até crianças, enquanto um tambor, a compasso; marcava o andamento. «O pessoal da Companhia; ao som cadenciado do plan, plan, plan, rataplan, plan, plan, rufado pelo Melindra conduzia as redes do secadouro para o barco e da borda para o secadouro, pegando, aqui e além, ao varal, a dois e dois.

O compasso desta marcha era também marcado pela conhecidíssima toada: ai lé, ai lé, ai lé, tiro lé, ó lari lo lé. Da mesma forma era dado o ritmo de marcha pela costa arriba no tempo em que as redes eram puxadas



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

do mar a pulso. Hoje a condução da rede ainda se faz ao ombro, mas o Melindra desapareceu e mais a sua caixa. E agora (1913) quem a tira do mar são os cachaços dos bois» (*Almanaque de Ovar para 1913*).

Quando se teria quebrado no Furadouro este secular costume de tirar os aparelhos do mar «ao ritmo duma tradicional canção, dum toque de pífano ou do rufar de um tambor», por homens, mulheres, menores e velhos, substituindo-o pela tracção animal?

A tracção a braço foi substituída pela tracção animal no último quartel do século XIX, provavelmente em 1884. Desde 15 de Agosto deste ano começou a trabalhar, na casta do Furadouro, com 60 homens e 10 juntas de bois, a companha do Manuel Pinto, de Francisco e Manuel Pereira de Carvalho.

Mapa - estatístico das companhas na costa do Furadouro de 1787 a 1968:

Anos	n.º de Companhas	Anos	n.º de Companhas
1787	6	1910	5
1790/1820	8	1915	6
1834	5	1920	5
1850	8	1925	4
1851	9	1930	4
1865	5	1935	3
1890	5	1940/1961	2
1900	5	1962/1968	1



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A 1 de Abril de 1791 a rainha D. Maria I isentou do serviço militar os pescadores de Ovar; este privilégio da ordenação de D. Maria I foi confirmado pela provisão de 11 de Fevereiro de 1821.

A vida miserável da quase totalidade dos pescadores da costa do Furadouro e de Ovar foi sempre uma nódoa para a administração local. Os pescadores viveram, continuamente, em condições impróprias, mesmo desumanas, nada ou quase nada lhes tendo dado o governo, temendo os capitães-mores e os administradores que reclamavam recrutas, odiando os fiscais que velavam pelo imposto do pecado, votando a favor de quem os senhorios mandassem. Mas, nos anos de penúria, de safras más, a sua vida tornava-se insustentável, como se verificou nos anos de 1796, 1847, 1868/1869, 1871 e 1885.

A par destes anos maus, o Furadouro teve também anos de abundância: 1840, 1876, 1899 e 1948.

Os mercantéis de sardinha

Nos séculos XVIII e XIX é importante o número de mercantéis de sardinha radicados na vila de Ovar e na costa do Furadouro.

Em 1890 o Furadouro «expede grande quantidade de sardinha, em cestos e barricas para a província do Douro (especialmente para o concelho da Régua), e porção, que não é diminuta, em barricas para o Brasil pela barra do Tejo, vendendo de ordinário, o óleo a comerciantes da cidade do Porto» (Pesca. 1.^a parte. Inquérito industrial).

Os mercantéis abriram mercados na região do Douro, fundando colónias ovarenses, designadamente em Penafiel, Régua, Pinhão, Lamego e



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Vila Real. O mercantel vendia nas terras do Douro a sardinha que adquiria no Furadouro, em Espinho e na Póvoa de Varzim.

O mal das vinhas e a facilidade de comunicações, após a abertura do caminho-de-ferro, concorreram para a decadência desta classe.

11 — A pesca na costa do Furadouro em 1865

As Informações para a estatística industrial, publicadas pela Repartição de Pesos e Medidas em 1867, referentes ao distrito de Aveiro e apresentadas a 22 de Abril de 1865, referem que na costa do Furadouro trabalhavam neste ano 725 pescadores maiores de 14 anos e 97 menores, com 13 barcos grandes e 3 pequenos; e 24 redes grandes e 3 pequenas. Cada companha tinha 82 a 250 homens.

12 — A estrada de Ovar ao Furadoura (1869-1871). Diligências e «char-à-bancs»

A comunicação entre Ovar e a praia do Furadouro era feita por um carreiro de pé-posto através da mata e do areal, o que a tornava difícil e demorada.

O caminho de areia solta, que partia da rua das Almas até à Costa, era denominado já em 1796 o caminho do mar. «Desde Março até Novembro aquele pequeno saará (o caminho) é calcado continuamente por centena de pessoas, transferindo-se mais de metade da população para ali. Pescas, estrumes, óleo de peixe, tudo de lá é transportado em abundância



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

para este concelho e outros muitos mais» (sessão camarária de 23 de Dezembro de 1864).

A 2 de Dezembro de 1867 o Presidente da Câmara Municipal Dr. Manuel Arala informou a vereação que tinha recebido uma carta de José da Costa Sousa Pinto Basto, participando-lhe que, de acordo com o deputado pelo círculo de Ovar, António José Bento da Rocha, conseguira o aditamento de 6000\$000 reis do governo para a estrada. Com esta quantia fez-se a primeira parte da estrada, com 1620 metros, que foi entregue à Câmara, em auto, a 27 de Novembro de 1869, com obrigação de continuá-la (1.^a parte - dos Campos ao Carregal).

O segundo lanço de estrada (do Carregal à praia) foi arrematado a 17 de Julho de 1870 por Francisco António do Amaral e Cyrne, pela importância de 3348\$000 reis, com o encargo de a dar pronta ao cabo de 8 meses.

A estrada, melhoramento que muito beneficiou a principal e quase única indústria da freguesia - a da pesca no Furadouro -, foi aformoseada em 1879, de Ovar ao Carregal, com a plantação de eucaliptos de ambos os lados. Do Carregal à praia não foi possível vingar quaisquer árvores.

Na sessão de 1 de Novembro de 1928, o vice-presidente da Comissão Administrativa, Afonso José Martins Júnior, propôs a substituição do macadame - por paralelepípedos, o que foi aprovado por unanimidade, e o vereador António Ferreira Brandão, dado ser impossível aquela substituição sem que desaparecessem os eucaliptos, propôs que estes fossem vendidos em hasta pública, o que foi também aprovado por



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

unanimidade. Os eucaliptos foram então objecto de várias arrematações e substituições por plátanos, entre 1929 e 1933.

Em 1930 foram arrematados os paralelepípedos para a estrada do Furadouro.

Na sessão de 27 de Novembro de 1923 foi aprovado, por unanimidade, que à estrada que liga Ovar com a praia do Furadouro, vulgarmente chamada «Estrada do Furadouro», se lhe desse oficialmente esta denominação. A 13 de Setembro de 1935 foi inaugurada a iluminação de toda a estrada; em 1960 começou a ser utilizada a pista para ciclistas e peões construída pela Junta Autónoma; em 1968 começou a ser alargada a faixa de rodagem de 6 para 7 metros e recoberta com tapete betuminoso.

Em 1979, a Câmara Municipal deu o nome de Avenida da Régua à parte da Estrada do Furadouro que liga o Alto Saboga com o cruzamento do Carregal; e, a 25 de Julho de 1984, nas Comemorações da elevação de Ovar a cidade, o Presidente da República, General Ramalho Eanes, inaugurou a Avenida do Emigrante, ligando o Carregal à praia do Furadouro (Praça da Varina). Esta última designação tinha sido aprovada pela Câmara Municipal a 21 de Março desse ano.

Em 1884, já macadamizada, a estrada era percorrida por diligências e *char-à-bancs* para passageiros e mobílias que partiam da estação do caminho-de-ferro e da Praça para o Furadouro de meia em meia hora.

Desde 8 de Setembro de 1912 ficou estabelecida uma carreira diária de automóveis ente Ovar e o Furadouro, carreira essa feita por dois automóveis, um pertencente a Abel Guedes de Pinho, o Abel das



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Máquinas, dos Gabões e das barbas, e o outro a Manuel Joaquim Rodrigues.

Em 1924 foi inaugurado o serviço de transportes entre Ovar e a praia por uma camioneta.

13 — A Assembleia do Furadouro (1883)

Na época balnear de 1882 alguns cidadãos associaram-se para arrendar uma casa na praia do Furadouro onde as suas famílias pudessem reunir-se. Parecendo, porém, a Manuel Fernandes Ribeiro da Costa, que foi vereador em Câmaras aralistas (1880-1886), que facilmente se podia sustentar urna assembleia naquela praia, construiu um prédio com tal finalidade.

Inaugurada a 2 de Setembro de 1883, a Assembleia do Furadouro, veio esta a ter novo edifício em 1891-1892, prédio que em 1957 foi vendido à firma David Dias de Resende & Filhos, da cidade de Ovar.

14 — A pesca - a tracção animal (1884-1968). O porco do Furadouro em 1886

Em 1890 (Pesca. 1.^a parte. Inquérito industrial), no Furadouro, «efectuado o regresso do barco, são as juntas de bois distribuídas pelo roceiro e mão de barca, os quais alam por intermédio de pequenos cabos, que partindo da canga, e munidos de grande trambelho ou chicote, facilmente se ligam ou soltam dos cabos da rede».



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Já se referiu que a tracção animal se deve ter iniciado no Furadouro em 1884 se vigorou até à morte da última companhia, a de S. Pedro, em 1968.

Em 1956 cada companhia empregava 14 juntas de bois, 7 para puxar cada cala.

Através da obra de A. A. Baldaque da Silva, Estado actual das pescas em Portugal, compreendendo a pesca marítima, fluvial e lacustre em todo o Continente do Reino, referido ao ano de 1886; podemos comparar o Furadouro com os portos de pesca vizinhos e ainda com os portos de todo o País.

Em número de pessoas empregadas na pesca, estava o Furadouro igualado à Costa Nova (600), acima; ao norte, somente a Póvoa de Varzim (4500), ao centro, Lisboa (892), Caparica (780) e Setúbal (2387), e, ao sul, Olhão - Fuzeta (1162), Tavira (748) e Monte Gordo (1848). No departamento marítimo do norte, que se estendia de Caminha à Figueira da Foz, o porto do Furadouro estava, assim, em 2.º lugar, ao lado da Costa Nova, em número de pescadores.

A maior parte da sardinha que então se apanhava no Furadouro era salgada e consumida no reino e alguma era exportada para Espanha.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

15 — Hotel Cerveira (1886) - a família Cerveira. Os primeiros postais ilustrados (1904). A hotelaria no Furadouro. Os cafés da praia

A família Cerveira é originária do concelho da Mealhada. José Luís da Silva Cerveira nasceu em 1866, na Vacariça, concelho da Mealhada, e casou (1886) com Maria do Rosário Soares Cerveira.

Em Julho de 1886; Silva Cerveira inaugurou na praia do Furadouro um grande estabelecimento que, em 1905, era composto por hotel, restaurante, café, bilhares e mercearia.

Em Novembro de 1904, editou os primeiros postais ilustrados de Ovar.

Silva Cerveira veio a falecer, a 20 de Julho de 1909, com 43 anos.

O hotel e o café arderam a 25 de Julho de 1911. Neste ano, a 11 de Novembro; na Igreja de Ovar, a filha de Silva Cerveira, Maria Emília Soares da Silva Cerveira (falecido 1979), casou com Jacinto dos Santos Cunha (falecido 1978, com 98 anos), proprietário do Café Santos, da Avenida Central da praia do Furadouro.

Do casal Santos foi sucessora sua sobrinha Maria Emília Santos Silveira Rodrigues Fernandes, que casou (1961) com Horácio Humberto Rodrigues Fernandes, distinto funcionário da Caixa Geral de Depósitos em Ovar.

Quanto à praia do Furadouro devem-se referir as seguintes hospedarias e hotéis:

- Hospedaria Nogueira, citada já em 1884.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

- Hotel Cerveira, inaugurado em Julho de 1886, propriedade de José Luís da Silva Cerveira.

- Hotel da Praia, que abriu as portas a 1 de Julho de 1904, na Avenida Central.

- Hotel Vinagre, na Avenida Central, já aberto em 1914 (actual talho Gama).

- Hotel Ovarense, aberto em 1917.

- Pensão Beira-Mar, no Largo Machado dos Santos, propriedade de Leopoldo Raimundo e António Coelho, inaugurado em 1935.

- Hotel Mar e Sol, inaugurado em Junho de 1946.

- Pensão «O Moliceiro», fundada em 1948, na rua O Jornal Comércio do Porto. Em 1951 passou a ser dirigida por António Augusto Fragateiro e, em 1954, encerrou as suas portas.

- Pensão Residencial Snack-Bar e Restaurante (Amadeu), casa fundada em 1975, na Avenida Central confinado com a Avenida Infante D. Henrique.

A praia do Furadouro tinha 3 cafés em 1959 - Avenida e Progresso, na Avenida Central; c Santos, na mesma Avenida, o único aberto todo o ano.

Em 1985 já eram 6, e presentemente, proliferam às dezenas, nas ruas e avenidas da praia.

O mais antigo café do Furadouro é aquele Café Cerveira, que funcionou no rés-do-chão do Hotel Cerveira, e foi inaugurado em 1886.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Sucedeu-lhe, em 1911, o Café Santos, ocupando o rés-do-chão do edifício vizinho daquele hotel.

O Café Progresso abriu, a 1 de Julho de 1951, na Avenida Central, uma filial na praia que viria a ser transferido (1965) para o antigo edifício da Assembleia do Furadouro.

16 — O telégrafo (1/9/1889)

Os trabalhos de assentamento da 1.^a linha telegráfica Ovar-Furadouro principiaram em princípios de Agosto de 1888, tendo a linha sido inaugurada a 1 de Setembro de 1889.

17 — A capela Nova do Mar (1890-1958)

Em 1877, cidadãos representaram à Câmara progressista a respeito da necessidade imperiosa de se construir uma nova capela da praia do Furadouro, dado que a existente parecia mais um forno ou moinho, envergonhando o povo de Ovar, já que se prestava ao ridículo dos estranhos.

Tendo a Câmara concedido um subsídio e tendo sido levada a cabo uma subscrição, foi levantada a nova capela, ao cimo da rua do Comércio do Porto, junto à costa e voltada a nascente. A benção desta capela realizou-se a 24 de Setembro de 1890, tendo sido denominada da Senhora do Livramento.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Muito danificada pelo mar, a capela foi mandada demolir, imediatamente, na sessão camarária de 5 de Fevereiro de 1958, atendendo-se ao perigo que representava e à necessidade de parte do seu terreno para a construção da esplanada. O Bispo do Porto tinha concordado com a demolição da capela em ruínas, a fazer à custa da Câmara e com o aproveitamento para a igreja do que fosse considerado útil. A segunda capela da praia durou cerca de 68 anos!

De 1959 a 1968 a missa no Furadouro foi celebrada no edifício da antiga fábrica de conservas Varina.

18 — Inquérito industrial de 1890 - o porto do Furadouro

Para a captura da sardinha concorria em 1890 o Furadouro com, aproximadamente, 590 homens, 275 menores de 16 anos e bastantes menores de 12 anos, dado que os pais incluíam nas companhas todos os filhos varões, embora recém-nascidos, para começarem a vencer quinhão da pescaria. Daqueles 590 só 350 concorriam ao serviço do mar, sendo a parte restante limitada aos trabalhos em terra. Cada companha tinha entre 90 a 150 homens e 40 a 70 menores (até à idade de 16 anos).

Mapa estatístico dos pescadores do Furadouro de 1853 a 1890:

Anos:

Fontes:

Número:

1853

Relatório apresentado à Junta Geral do Distrito a 20 de Julho de

1855 734



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

1860	Gerardo Pery, na sua viagem pelo distrito de Aveiro refere-se a
Ovar	como terra de pescadores
1865	Informações para a estatística industrial
725	João Frederico, Memórias e Datas
1868	
2000	
1870	A povoação, «cujas habitantes se entregam quase exclusivamente ou às pescarias do alto mar, ou à venda de peixe pelas ruas de
Lisboa,	e principalmente no Porto e arredores», é célebre nas pescarias Portuguesas (<i>Suplemento ao Mapa de Portugal</i> , do Beneficiado
João	Baptista de Castro, coordenado por Manuel Branco). A maioria dos habitantes de Ovar vivia da pesca ou do comércio marítimo
1875	A.A. Baldaque da silva, Estado actual das pescas em Portugal
1886	Pesca 1. ^a parte. Inquérito industrial
600	
1890	
865	



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

19 — Toponímia do Furadouro na Monarquia Liberal (1881-1910)

– Bombeiros Voluntários do Porto, avenida dos

Avenida Central da Praia do Furadouro, ligando a Praça da Varina (avenida do Emigrante) à avenida Infante D. Henrique, recebeu este nome em agradecimento ao papel desempenhado pela Real Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Porto no rescaldo do incêndio do Furadouro (31 de Julho de 1881).

Nesta avenida, situada entre a rua O Jornal Comércio do Porto; a norte e a rua Álvares Cabral, a sul, localizaram-se a Assembleia do Furadouro (inaugurada a 2 de Setembro de 1883), e o Hotel Cerveira (inaugurado em Julho de 1886).

Num prédio desta avenida, esquina da rua Tomás Ribeiro, teve lugar a inauguração solene e oficial, a 17 de Março de 1973, da sede do Clube Desportivo do Furadouro.

– «O Comércio do Porto», rua do Jornal

A 14 de Outubro de 1881, atendendo a que O Comércio do Porto foi o primeiro jornal que abriu uma subscrição a favor dos incendiados da praia do Furadouro (o violento e pavoroso incêndio de 31 de Julho desse ano), a Câmara Municipal resolveu dar o seu nome à rua Nova ou Rua da Capela Nova.

A rua do Jornal O Comércio do Porto situa-se a norte da praia, entre a rua dos Patrícios de Lisboa e a avenida dos Bombeiros Voluntários do



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Porto (avenida Central), ligando a avenida Infante D. Henrique à rua Sacadura Cabral.

– **Imprensa Portuguesa, rua da**

É a primeira a poente da rua Tomás Ribeiro, entre esta e a avenida Infante D. Henrique.

– **Maria Pia, largo D.^a**

O largo da Capela do Senhor da Piedade recebeu, em 1881, o nome de praça D.^a Maria Pia, dado que esta rainha mandara dar do cofre dos inundados para as vítimas do incêndio ocorrido na praia do Furadouro, a 31 de Julho desse ano, um conto de reis. Na sessão de 10 de Outubro de 1910, a Câmara deu-lhe o nome de largo Machado dos Santos; e, em 1939, com o avanço do mar o largo deixou praticamente de existir.

– **Ribeiro, avenida Tomás**

Esta avenida, ente a avenida da República, a nascente; e a rua da Imprensa Portuguesa, a poente, tomou o nome do escritor e político Tomás Ribeiro (1831-1901), autor de *D. Jaime ou a Ominação de Castela* (1862).

20 — O avanço do mar (2 de Fevereiro de 1912)

No dia 2 de Fevereiro de 1912 e nos dias seguintes, avançando cerca de 200 metros nos lançamentos, entre a capela velha do Senhor da Piedade e o sítio denominado Baldim, o mar formou uma enseada e um barranco de



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

quatro a cinco metros de altura, em alguns pontos; numa extensão superior a 300 metros; daí resultando a derrocada de 18 palheiros, alguns de certo merecimento.

21 — O «Chalet» do Matos. A família Matos

O *chalet* do Matos, localizado entre o palheiro da família Palavra, a norte, e o palheiro da companhia da Senhora do Socorro (1887-1961), ou do Valente, a sul, foi o maior palheiro da praia do Furadouro, tendo sido construído por António Valente de Almeida e Manuel Maria de Matos, dois republicanos históricos.

No *chalet*, enorme palheiro, de rés-do-chão e dois andares, situado ao sul do Furadouro, serviram-se lautas ceias nos tempos da Primeira República, às quais nunca faltava o melhor, o mais saboroso peixe – não fossem os seus proprietários e a maioria dos convidados os patrões de companhias da praia do Furadouro!

É que os republicanos históricos, na melhor tradição das lutas entre monárquicos e progressistas (ou limonadas) e monárquicos regeneradores (ou cachingós ou aralistas), fundaram igualmente companhias na praia do Furadouro para terem os seus eleitores certos e seguros – os pescadores e as suas famílias.

De 1911 a 1928 labutou no Furadouro a companhia República, e, pela escritura de 11 de Março de 1922, verifica-se que, entre os seus sócios, se achavam o Dr. João Baptista Nunes da Silva (republicano liberal), Manuel Maria de Matos (republicano histórico), Celestino Soares de Almeida



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

(republicano democrático), Presidente da Câmara Municipal (1914-1918), e Francisco de Oliveira Gomes Ramada, criador da F. Ramada.

No *chalet*, que serviu de esconderijo aquando das lutas entre republicanos e monárquicos, designadamente «nas horas críticas, para os republicanos, da insurreição monárquica do norte e noutras emergências semelhantes da vida da República», reuniram os proprietários os seus amigos políticos e gastronómicos mais próximos. Aí se juntavam, com Manuel Matos e Valente de Almeida, entre outros, aquele médico Dr. João Baptista Nunes da Silva, o farmacêutico Manuel Joaquim Rodrigues e Manuel Augusto Nunes Branco, que foi secretário da Câmara Municipal (1915-1945).

Dado que o palheiro necessitava de obra e Valente de Almeida não estava interessado nelas, o *chalet* foi posto à venda (1929) e veio a ficar pertença exclusiva a Manuel Matos. O palheiro tinha no 2.º andar quatro quartos, os virados a nascente e a poente com varandas; no 1.º andar uma enorme sala comum, com varanda para o mar em toda a sua extensão e seis janelas amplas, três quartos e cozinha; no rés-do-chão localizavam-se ainda outras dependências.

À morte de Manuel Matos, o palheiro ficou a pertencer a seus sobrinhos, filhos do seu irmão Francisco de Matos – Maria Celeste Matos de Sousa Lamy, Maria Fausta Fragateiro Matos Malaquias e José Fragateiro Matos.

Em Dezembro de 1964 e Janeiro de 1965, avançando mais uma vez o mar no Furadouro, foi destruído completamente o palheiro da família Palavra, e desmoronou-se grande parte o *chalet* da família Matos. Cinco



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

anos depois, nos princípios de Dezembro de 1969, foi derrubada a parte que restava do *chalet*.

Manuel Maria de Matos, que foi proprietário do referido *chalet*, que tomou ao seu nome, filho de José de Matos e de Margarida Correia dos Santos, faleceu solteiro, a 16 de Junho de 1937, com 60 anos.

Republicano histórico, foi vereador substituto da 1.^a Comissão Municipal Republicana (1910), e ocupou, ainda, o cargo de Presidente da Junta de Freguesia de Ovar (1914).

Homem tolerante, simples, duma bondade inexcedível, de princípios liberais e republicanos, ligado às actividades de pesca do Furadouro – foi sócio das companhas Boa Esperança e República, Lda.–, Manuel Matos foi também um notável e apreciadíssimo cozinheiro na sociedade gastronómica republicana da época.

António Valente de Almeida (*Terra e gente das dunas*, 1955) dedicou-lhe a seguinte poesia:

Grande casa era a tua
Em dar e repartir pela pobreza;
Grande, mais que a maior, - tua lhaneza;
E o teu corpanzil enchia a rua.

Famosas, sem favor,
Eram tuas caldeiradas:
- O que nas redes vinha de melhor,
E um sol eram as tuas gargalhadas



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

E as tuas mãos papudas
Nunca as vi, de ira ameaçar,
Fazer o gesto mau de maltratar,
Nem em cóleras mudas.

Arruivado e com olhos pequeninos
Dançavas, belamente, antes da gota;
E chamavam por ti, Mães e meninos,
Quando vinhas à lota.

Esquecido estarás,
Dos viventes, na tua sepultura;
Mas da tua memória algo perdura;
Homem bom, caridoso, dorme em paz:

Que os Ritos da traineira,
Esses, por tua alma rezação;
Lembrados que à tua cálida lareira
Comiam, enxugavam o gabão!

A família Matos, de comerciantes e industriais, descende de Manuel Rodrigues, que casou com Domingas de Matos, da freguesia do Bunheiro.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O filho deste casal, Domingos de Matos, casou com Leocádia Nunes, da rua Nova da Ruela, filha de Francisco Rodrigues Grade e de Trindade Nunes.

Filhos do casal Domingos/Leocádia:

- Manuel de Matos, que casou com Rosa Correia dos Santos, filha de António Ferreira e de Joana Correia dos Santos, da rua da Praça, e faleceu, com 49 anos, a 14 de Julho de 1864.

- Francisco de Matos, que casou (1831) com Joana Nunes, filha de António Francisco Bornas e de Maria Nunes.

O filho deste casal Francisco/Joana, José de Matos, casou (1857) com Margarida Correia dos Santos, filha de Francisco Ferreira Torres e de Maria Correia dos Santos, e veio a falecer, em 1907, com 71 anos.

Filhos do casal José/Margarida:

- Joaquim de Matos (falecido 1904)

- Manuel Maria de Matos (falecido 1937, com 60 anos), republicano histórico, 1.º Presidente da Junta de Freguesia de Ovar na Primeira República, proprietário do *chalet* Matos, situado ao sul da praia do Furadouro.

- Maria dos Santos Matos, que casou com Manuel Bernardino de Oliveira Gomes (o filho deste Manuel Bernardino, Francisco de Oliveira Gomes Rareada, nasceu em 1888, casou, em 1910, com Palmira Gomes Pinto, e faleceu, com 89 anos, em 1978).

- Rosa Correia dos Santos (falecido 1886).

- Francisco de Matos, industrial e comerciante, que nasceu a 7 de Setembro de 1869, casou (1900) com Rosa dos Santos Fragateiro Matos,



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

filha de José Fragateiro de Pinho Branco e de Maria Rosa Correia dos Santos, e veio a falecer, a 29 de Março de 1962, com 92 anos.

Filhos do casal Francisco/Rosa:

- José Fragateiro Matos (1907-1953, com 45 anos).

- Maria Fausta Fragateiro Matos (1916-1991), que casou (1945) com Carlos Soares Ferreira Malaquias.

- Maria Celeste Matos de Sousa Lamy (1905-1969, com 64 anos), que casou (1926) com o médico Dr. José Eduardo de Sousa Lamy, que foi Presidente da Câmara Municipal de Ovar (1954-1959).

O filho do casal Maria Celeste/José Eduardo, Dr. Alberto Manuel Matos de Sousa Lamy, advogado, nasceu a 19 de Novembro de 1934; tendo casado (1963) com Rosa Maria Matos Lemos da Veiga Gil Carneiro Lamy, natural de Refojos, concelho de Santo Tirso.

22 — A religião e os pescadores no final da Primeira República

Os homens do mar eram eminentemente religiosos. Vulgarmente as companhas do Furadouro tinham o nome de Deus, de sua Mãe ou de santos: Coração de Maria, Santo André, Santo António, S. Cristóvão, S. Domingos, S. João, S. João Baptista, S. José (duas), S. Lourenço, S. Luís, S. Pedro, S. Vicente, Senhor dos Aflitos, Senhor dos Esquecidos, Senhora de Fátima, Senhora da Graça (duas), Senhora da Piedade, Senhora do Rosário, Senhora da Saúde, Senhora do Socorro e Senhora dos Navegantes.

Foram os pescadores da costa do Furadouro que fundaram a ermida das Areias (S. Jacinto) no século XVI, que ergueram a ermida da Sr.^a do



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Bom Sucesso (S. Paio da Torreira) no século XVIII, que devem ter construído as Almas do Carregal em 1808, que fizeram melhoramentos na capela de Santo António no princípio do século XIX, capela onde primitivamente chegaram a consertar as suas artes, abuso que lhes foi proibido para todo o sempre a 23 de Setembro de 1716.

Em 1890 as companhas do Furadouro despendiam quantias variáveis, por vezes apreciáveis, no cumprimento de promessas feitas aos santos da sua maior devoção. As promessas resumiam-se, em geral, a azeite para iluminação da ermida do Senhor da Piedade.

As companhas tinham a sua capelania privativa. Assim, a Boa Esperança estabeleceu na praia, em 1906, em capelania para que aos domingos e dias santos os pescadores pudessem assistir à missa antes do trabalho do mar.

Em 1926 a devoção da classe piscatória já tinha diminuído. Segundo o Padre Manuel Lírio (*Monumentos e instituições religiosas*, 1926), «presentemente deu de mão a toda a prática de religião, vivendo ignorância e boçalidade de crença somente comparável à sua rudeza, devido ao abandono a que estes últimos 30 anos tem sido votada a sua educação religiosa e ainda à indiferença neste negócio dos arrais das companhas. Outrora não havia meia dúzia de pescadores, por assim dizer, que faltassem ao cumprimento dos preceitos da Igreja que em nossos dias raros frequentam. É que então cada companha tinha o seu capelão ou havia um para algumas, os seus donos mandavam celebrar todos os anos solenes exéquias pelos seus homens falecidos e ainda: que nenhum dos seus empregados faltasse ao preceito pascal. Tudo isso caiu há muito em desuso;



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

é que o mau exemplo é contagioso: o desleixo de cima animou a indiferença dos de baixo. O único sinal de devoção que ainda uma ou outra vez dão e nós filiamos num *quid* de atavismo, embora a um olhar superficial o não pareça, é com o auxílio dos banhistas, a festa do Mar com missa cantada, sermão e procissão com larga cópia de foguetes e andores ao longo da borda e grande arraial diurno e nocturno».

Para Arlindo de Sousa (*Vocabulário de Entre-Douro e Vouga: I. Artes de pesca marítima*, 1965), «o pescador do Furadouro não conhece outros trabalhos senão os de pesca, canta os seus produtos nas lotas e pelos sete caminhos de Ovar, reza e pragueja, pragueja e reza, e promete, cada ano, um círio da sua altura, ao Senhor dos Navegantes ou a S. Cristóvão, para que os dois santos o livrem das fúrias das águas, quando está cão o mar».

23 — Toponímia do Furadouro na Primeira República (1910-1926).

- Bartolomeu Dias, rua,

A sul da praia do Furadouro, entre a rua Álvares Cabral e a rua das Companhas.

- Cabral, rua Álvares

Rua paralela à avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto (avenida Central), ao sul desta.

- Comércio, rua do

Entre a rua Álvares Cabral e a rua dos Mercantéis



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

- Machado dos Santos, largo

Na sessão de 10 de Outubro de 1910, por proposta do vogal Manuel Pereira Dias, a Câmara deu ao largo D. Maria Pia (anteriormente, largo da Capela do Senhor da Piedade) o nome do fundador da República,

- Patrícios de Lisboa, rua dos

A norte, parte da avenida da República para a avenida Infante D. Henrique.

- República, avenida da

Entre a avenida Tomás Ribeiro, a poente, e as ruas do Pintor Sousa Lopes e Raul Brandão, a nascente;

24 — O pintor Sousa Lopes na praia do Furadouro (1927).

O pintor Adriano de Sousa Lopes (1879-1944), autor do notável tríptico *Moliceiros* e da famosa teta Ondinas, passou algumas temporadas na praia do Furadouro. Durante a sua estadia no Furadouro, em 1927, assinou a obra «Os Pescadores» ou «Os Pescadores do Furadouro», quadro que é, como um crítico escreveu, «a expressão forte e cheia de verdade da vida dos pescadores do Furadouro».

25 — A inauguração da rede telefónica (28 de Junho de 1931)

A inauguração da rede telefónica veio a verificar-se em Ovar a 28 de Junho de 1931, dia em que se abriu ao público também o novo edifício da estação telégrafo postal e telefónica, sito na rua Alexandre Herculano.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Após a cerimónia da inauguração, dirigiram-se as individualidades que nela tomaram parte ao Furadouro onde foi inaugurada a cabina pública instalada ria estação telégrafo – postal dessa praia.

A 8 de Abril de 1982 entrou em serviço uma cabina telefónica na avenida Central da praia do Furadouro.

26 — A inauguração da luz eléctrica na praia do Furadouro (28 de Julho de 1935)

A inauguração da luz eléctrica em Ovar verificou-se a 1 de Dezembro. de 1913.

A 28 de Julho de 1935, cerca das 21 horas, o Presidente da Câmara Manuel Pacheco Polónia inaugurou a luz eléctrica na praia do Furadouro, onde se instalaram na Avenida Central 13 candeeiros de ferro fundido com ligações subterrâneas para 23 globos esféricos, e a luz eléctrica na estrada que dá acesso à dita praia.

O Furadouro teria luz fluorescente em 1953.

27 — Ringue de patinagem (15 de Agosto de 1937)

A 15 de Agosto de 1937 foi inaugurado o ringue de patinagem da praia do Furadouro, edificado nos terrenos da Assembleia pela comissão de turismo, tendo o grupo da ADO, constituído por Armando Castro, Eduardo Corte Real, Rogério Sousa, Manuel Correia Dias e António Ramos, vencido a União Oliveirense.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

28 — O avanço do mar no Furadouro – a Capela Velha do Mar derrubada a 23 de Fevereiro de 1939

A primitiva Capela do Senhor da Piedade na praia do Furadouro, a Capela Velha do Mar (1766-1939), que substituíra uma ermida de madeira erguida em 1759, situava-se, como já se referiu, na continuação da avenida Central do Furadouro, voltada para o Oceano, e tinha a forma de oratório ou pequeno forno.

Em 1924 o mar em fúria veio bater na capela do Senhor da Piedade pondo o pilar à vista dum lado, na altura de cerca de dois metros, obrigando à colocação duma escada de madeira para se poder entrar na capela. No ano seguinte o mar chegou até junto da mesma capela, descobrindo-lhe parte dos alicerces.

Em 1935, a Junta de Turismo da praia do Furadouro aditou à Capela Velha do Mar um varandim.

Avançando pela praia, em Dezembro de 1938, o mar destruiu a escadaria, parte sul do miradouro e a sacristia da capela.

Esta primeira Capela do Senhor da Piedade veio a ser derrubada pelo mar a 23 de Fevereiro de 1939. Foi precisamente às 16 horas e 10 minutos que ruiu a capela velha!



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

29 — A empresa de melhoramentos da praia do Furadouro (28 de Novembro de 1944)

A 1 de Junho de 1911 constituiu-se uma comissão organizadora dos melhoramentos de Ovar, dando cada sócio um vintém por semana. Com esse dinheiro fez-se o primeiro coreto do Furadouro.

A 28 de Novembro de 1944 foi constituída a Sociedade de Melhoramentos da Praia do Furadouro, limitada (Bonifácios, Chaves, Colares Pinto, Correias Dias, Malaquias e outros), à qual se deve o Hotel Mar e Sol, da praia do Furadouro.

Por escritura outorgada no Cartório Notarial de Ovar em 1 de Julho de 1991 foi constituída uma associação, sem fins lucrativos, denominada Comissão de Melhoramentos do Furadouro, com o objectivo de promover e desenvolver a cultura, o recreio e o desporto; defender e valorizar o património artístico e arquitectónico e promover empreendimentos de interesse local em estreita colaboração com as autarquias e outras entidades públicas ou privadas.

Foram seus promotores e fundadores: Augusto de Jesus Rodrigues, Mário de Castro Ferraz Liz, José Maria Marques Pires, David Gomes Marques, Padre Aníbal Duarte Pereira, José Gomes Pinto, Belisário da Silva Valente, Abel Vaz Pinto, José Maria Pereira, António Manuel Rodrigues Costa, Álvaro Valdemar da Silva Resende, Dinocrato Formigal e Costa, Adão Tavares Pinto e Edmundo Pereira Rilho.

Em 31 de Janeiro de 1992, na Sacristia da Capela do Furadouro, foram eleitos os corpos gerentes, sendo Álvaro Valdemar da Silva Resende



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

o Presidente da Assembleia Geral; Augusto de Jesus Rodrigues o Presidente da Direcção, com o Padre Aníbal Duarte Pereira e Belisário da Silva Valente como Vice-Presidentes e David Gomes Marques o Presidente do Conselho Fiscal.

A posse verificou-se em 13 de Março de 1992.

30 — A decadência da pesca do pilado (década de 1940). O bairro dos pescadores no Furadouro

Referem Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, nas *Actividades agro-marítimas em Portugal* (1975), que «a pesca do caranguejo pequeno em cardumes – o pilado, ou patelo e patela, e ainda mexoalho e escasso –, para adubação das terras, era, como a apanha das algas, uma importante faina que interessava à lavoura mas que tinha lugar no mar».

Porém, «a partir de cerca de 1940, estas pescarias, por toda a nossa costa, foram sendo progressivamente postas de parte, e encontram-se hoje (1975) totalmente extintas, como actividade específica».

Na pescada pilado no Furadouro, no sistema básico de arrasto para bordo, usava-se «um único barco, sendo o elemento imóvel uma bóia (ou a própria terra). No Furadouro, a bateira «se alava carregada, por 4 juntas de bois que para o efeito ficavam na praia, aguardando o regresso das companhas; e descarga tinha lugar depois dela estar no alto do areal. Quando usavam o saco de vaivém, ele próprio, ao chegar a terra, era também despejado na bateira antes de a levarem para cima».



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Depois, «o pilado era vendido pela totalidade da carga. Compareciam comerciantes e lavradores; mas quando não havia pretendentes, ele era levado para os armazéns das companhias».

Normalmente, no Furadouro, «saía-se ao pilado apenas uma vez por dia».

Nos meados da década de 40, de colaboração com a Junta Geral da Casa dos Pescadores, construiu-se um bairro piscatório, com 18 fogos, na praia do Furadouro.

Em Agosto de 1970. foram erguidas as primeiras das 20 casas desmontáveis, com água, luz e saneamento, fornecidos através do Fundo de Fomento de Habitação, para os pescadores que perderam os seus palheiros com o avanço do mar no Furadouro.

31— Pesca desportiva (1949)

A pesca desportiva começou a ter adeptos em 1949, na costa do Furadouro, rica em robalo, sargo, linguado e solha.

32 — A iluminação fluorescente (1953)

Em 1953 foi pela primeira vez aplicado no concelho de Ovar, na avenida Beira-Mar, da praia do Furadouro, o sistema de iluminação com lâmpadas Osram, tipo fluorescente; mais práticas e económicas, em braços Cavan.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

33 — Cinema na praia do Furadouro (15 de Julho de 1954). Paulo Rocha e o filme «Mudar de vida» (1967)

Desde 15 de Julho de 1954, exibam-se filmes no rinque de patinagem da Assembleia do Furadouro, praia onde, em Junho de 1954, trabalhava vários dias uma equipa de Walt Disney, de Hollywood, documentando-se sobre a arte da xávega.

O segundo filme de Paulo Rocha, *Mudar de Vida*, estreado a 20 de Abril de 1967, com música de Carlos Paredes, e com os actores Geraldo del Rey, Isabel Ruth e Maria Barroso, decorre na ria e na praia do Furadouro, focando «o problema da erosão marítima que obriga os pescadores a trabalhar uma terra que não conhecem» (Leis de Pina). «Adelino entre o amor passado (Júlia, interpretada por Maria Barroso) e o amor futuro (Albertina, interpretada por Isabel Ruth), personifica uma evolução que vai da companhia à industrialização moderna».

Adelino (Geraldo del Rey) é um pescador que volta do Ultramar e descobre que a sua namorada, Júlia (Maria Barroso, aceitou o convite para interpretar este papel, uma mulher do povo, 20 anos depois de ter sido afastada dos palcos do Teatro Nacional por razões políticas), casou com o seu irmão. Albertina vai convencê-lo a deixar de ser pescador, a mudar de vida, o que ele fará, após a morte de Júlia: *Mudar de vida* «move-se como um baloiço, entre o mar e a terra, entre uma mulher e outra, entre a saudade e a vontade» (Nuno Henrique Luz, na *Revista do Semanário*, de 9 de Março de 1991).



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Um dos filmes – referência do chamado Cinema Novo português, «conta a história das mudanças que começaram a transformar a vida dos habitantes de uma comunidade de pescadores, no Furadouro, perto de Ovar, na década de 60. A região, que dependia exclusivamente do trabalho no mar e na ria, é progressivamente invadida pelas águas, obrigando as suas gentes a emigrar»:

O realizador Paulo Rocha nasceu no Porto, a 22 de Dezembro de 1935, filho de Crispim José da Rocha, de S. Vicente de Pereira e de Maria Cândida Alves Soares Malaquias, de Ovar, tendo passado largas temporadas na praia do Furadouro.

34 — A Volta a Portugal (ciclismo) no Furadouro (1956 e 1962)

Uma das etapas da XIX.^a Volta a Portugal (1956) terminou na praia do Furadouro, onde a 30 de Agosto mais de 20 000 pessoas aplaudiram Alves Barbosa a cortar a meta.

Na XXV.^a Volta a Portugal (1962), a etapa Vila Nova de Gaia-Furadouro (135 quilómetros), no dia 5 de Agosto, foi ganha por José Pacheco, do F.C. do Porto, ficando em 2.º lugar João Gomes, da ADO. A 3.^a etapa (circuito do Furadouro), com 9 quilómetros, teve como vencedores *ex-aequo* José Pacheco, do F.C. Porto, e Lima Fernandes; do Alpiarça.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

35 — A nova paróquia de S. Pedro (14 de Outubro de 1967) - o Padre António Fernando Lopes Ferreira (10 de Outubro de 1967 a 1969) e o Abade Aníbal Duarte Pereira (desde 8 de Novembro de 1969)

A 14 de Outubro de 1967 D. Florentino de Andrade e Silva, Administrador - apostólico da diocese, nomeia o Padre António Fernando Lopes Ferreira capelão autónomo para dar, condições de vida à paróquia em formação na zona poente da freguesia de Ovar, com sede no lugar do Carregal. A zona poente de Ovar (S. Pedro) abrange os lugares do Carregal, Furadouro, Marinha e Torrão de Lameiro.

O primeiro Abade da paróquia de S. Pedro de Ovar, Padre António Fernando Lopes Ferreira (10 de Outubro de 1967-1969), abandonou o lugar por motivos de saúde.

Sucedeu-lhe o Abade Aníbal Duarte Pereira, desde 8 de Novembro de 1969. O Padre Aníbal nasceu no lugar de Guilhovai, da freguesia de S. João de Ovar, a 9 de Dezembro de 1930, filho de José Duarte Pereira e de Maria Fernandes Almeida, tendo sido ordenado presbítero na Sé do Porto, por D. António Ferreira Gomes, a 5 de Agosto de 1956, rezando a sua missa nova na Igreja de Ovar, a 15 desse mesmo mês.

O novo abade, solicitado por muitos dos seus paroquianos, realizou a partir de 9 de Dezembro de 1969 uma novena durante 9 dias, pelas 21 horas, novena que iniciando-se na Capela Nova se transformava em procissão de velas e terminava na praia, sendo então dada benção ao mar perante uma imagem de N.^a Sr.^a de Fátima, do cimo da alta e já então meia desfeita duna do extremo sul; na presença de centenas de pessoas.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, visitou a 4 de Maio de 1970 a nova capela do Furadouro, percorrendo depois a nova paróquia do Carregal até ao seu extremo sul.

36 — A terceira Capela do Furadouro (28 de Julho de 1968)

A construção da actual Capela da praia do Furadouro teve início a 27 de Junho de 1966, e a primeira missa foi rezada pelo Abade António Lopes Fernandes, sem pompa, a 28 de Julho de 1968.

Em 1948 o vice-presidente da Câmara tinha organizado uma comissão destinada a erigir, em lugar seguro, uma nova e ampla capela; e, a 4 de Agosto de 1955, o Bispo auxiliar do Porto, D. Florentino de Andrade e Silva, presidira à benção da primeira pedra para o novo templo, cerimónia litúrgica que teve a assistência das autoridades civis e religiosas.

De 1959 a 1968, a missa no Furadouro foi celebrada no edifício da antiga fábrica de conservas Varina.

A capela, projecto do arquitecto Januário Godinho de Almeida, natural da freguesia de Válega e construída por António Silvina, está situada nos novos arruamentos, ao norte da praia, tendo a configuração de um peixe, e lembrando, a estrutura do telhado, o cavername de um barco. Tem uma torre sineira à ilharga.

A 14 de Setembro de 1997, teve lugar a inauguração do arranjo urbanístico da zona envolvente à Capela, levado a cabo na Câmara presidida pelo Dr. Armando França, sendo Abade da paróquia de S. Pedro o Padre Aníbal Duarte Pereira.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A praia do Furadouro teve, assim, as seguintes capelas:

1.^a - Capela Velha do Mar (1766-1939)

2.^a - Capela Nova do Mar (1890-1958)

De 1959 a 1968 a missa foi celebrada na Varina.

3.^a - Capela actual (desde 1968)

37 — Águas e saneamento na praia do Furadouro (1969)

Na sessão de 2 de Janeiro de 1963, foi apresentado pelo Eng.º Celso da Câmara Pestana, à Câmara presidida por Carlos de Sousa Nunes da Silva, o projecto do abastecimento de água à praia do Furadouro.

A obra total-águas e saneamento veio a ser adjudicada à firma de Anadia, Construções Martins e Ferreira da Silva, Limitada - Marsil, na sessão camarária de 16 de Fevereiro (escritura lavrada a 8 de Abril de 1968).

Nesse ano de 1968, nos últimos dias de Agosto, teve início a instalação da rede dos colectores de distribuição de água, da conduta adutora e do reservatório. Este, com a capacidade de 500m³, semelhante ao de Ovar, veio a erguer-se a uma altura de 26,50m, sendo abastecido por um conjunto de dois grupos electro-bombas funcionando na central do Carregal. A água é bombeada da mesma nascente que abastece a cidade.

A partir de Julho de 1969, sem utilização do reservatório, foi possível fornecer, em regime de bombagem directa, água à praia do Furadouro.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A instalação da rede de colectores de esgotos domésticos na praia do Furadouro principiou aquando da instalação da rede de colectores de distribuição de água, nos últimos dias do mês de Agosto de 1968.

A 28 de Junho de 1973 foi lavrada a escritura, entre a Câmara e o Eng.º Fernando de Oliveira Pinto, para elaboração do projecto de saneamento do Furadouro.

38 — O Centro de Promoção Social do Furadouro (25 de Janeiro de 1972), do Rotary Clube de Ovar

Para o João Semana (de 15 de Dezembro de 1994), «os primeiros passos para o arranque desta obra, que se seguiu à chamada ‘sopa dos pobres’, foram dados por um grupo de pessoas da nova paróquia de S. Pedro de Ovar, à cabeça das quais estava o pároco, Padre António Fernando Lopes Ferreira, com a colaboração da Irmã Ana Maria, da Casa de N.ª Sr.ª de Fátima de Ovar, e de alguma senhoras do Furadouro, a que se vieram ligar, quando da saída do Padre Lopes Ferreira, alguns elementos do Rotary Clube de Ovar, nomeadamente Mário Mendes Alçada e João Peixinho, que vieram a tornar-se a alma do empreendimento».

No ano de 1969, a 15 de Dezembro, começou a funcionar o Centro Infantil do Furadouro, do Rotary Clube de Ovar, com 57 crianças. O Centro, orientado com notável mestria pela Irmã Ana Maria, da Casa de N.ª Sr.ª de Fátima, ganhou rapidamente jus à admiração de todos os owarenses. Muito deve a Maria Palmira da Cunha Pacheco Nobre (auxílio pecuniário), a Júlio Mateiro (cedência do edifício do Centro Vidreiro, da antiga fábrica



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A Varina), ao primeiro Abade da paróquia de S. Pedro, Padre António Fernando Lopes Ferreira, e aos dois principais obreiros - João Peixinho de Carvalho Simão e Mário Mendes Alçada.

Por escritura de 25 de Janeiro de 1972, assinada por 17 cidadãos lavrada nas notas do notário de Ovar, Dr. José Maria de Araújo Abreu, no restaurante Vela Areinho, no lugar do Torrão de Lameiro, foi criado, por iniciativa do Rotary Clube de Ovar, o Centro de Promoção Social do Furadouro, instituição de assistência e educação de utilidade local, com sede nesta praia.

A 8 de Abril de 1983 esteve no centro o Presidente da Rotary Internacional Hiroji Mukasa.

O centro presta assistência nas modalidades de infantário, de jardim-escola e de ocupação de tempos livres de escola; com o objecto de evitar a vadiagem e promover hábitos de trabalho e de estudo, sendo dada alimentação, assistência médica, noções de ginástica e higiene.

No final de 1999, o centro, com 27 funcionários, tinha 150 crianças na Creche, Jardim de Infância e ATL.

39 — O Clube Desportivo do Furadouro (8 de Dezembro de 1972)

Fundado a 22 de Novembro de 1972, o Clube Desportivo do Furadouro teve como 1.º Presidente da Assembleia Geral o médico Dr. Abel da Costa Godinho, e como 1.º Presidente da Direcção Mário Ferraz de Liz.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A 17 de Março de 1973, inaugurou a sua sede na avenida Central da praia do Furadouro.

Visitou este clube, a 25 de Julho de 1984; o, Presidente da República, General Ramalho Eanes.

40 — Toponímia do Furadouro no Estado Novo (1926-1974)

- Henrique, avenida Infante D.

À avenida da Beira-Mar, esplanada da praia do Furadouro, a Câmara da presidência de Carlos de Sousa Nunes da Silva deu-lhe o nome do Infante de Portugal, cognominado o Navegador ou o Infante de Sagres, D. Henrique.

Electrificada em 1953, com braços Cavan e luz fluorescente, nela se situou o Hotel Mar e Sol (1946).

41 — As novas companhias de pesca no Furadouro (princípios de Junho de 1974)

De 1962 a 1968 trabalhou na costa do Furadouro uma única companhia, a de S. Pedro (1930-1968).

Após a dissolução desta companhia de S. Pedro, a 11 de Setembro de 1968, surgiu no Furadouro, na época de 1970/1971, a empresa Turismo e Pesca S. Pedro, Limitada.

Em princípios de Junho de 1974 uma nova companhia, a do Gesta, começou a trabalhar, com um arrastão, barco com um terço do peso e



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

tamanho dos antecedentes, com uma tripulação de 12 homens (1/4 do antigo) e com dois remos.

Na época de 1981-1982 já trabalhavam no Furadouro três destas novas companhas: a da Senhora da Graça, de António Soares Maganinha, com as redes puxadas por seis juntas de bois de José Rodrigues da Graça, o Zé Onofre, da Quinta do Pinheiro Alto; a do Gesta; e a do Alfredo. E trabalhava no mar do Torrão do Lameiro, desde 12 de Abril de 1980, a companha dos Marretas.

Em 1987, três arrastões pescavam no Furadouro: a companha Senhora do Socorro, de Carlos de Oliveira Dias; a Senhora da Graça (Maganinho), que começou a usar motor de apoio; e o barco David de Jesus, de Alfredo Faustino. No Torrão de Lameiro trabalhavam as companhas dos Marretas (gado a puxar as redes) e dos Marroquinos (tractor a puxar as redes).

No Furadouro, o gado que auxiliava aquando da largada e da chegada dos barcos, que puxava as redes, foi substituído nessas fainas pelo tractor. E os dois remos servem agora apenas na partida e chegada dos barcos; é o motor de apoio que o leva até ao local do lançamento das artes, e o traz de volta.

42 — Tauromaquia (15 de Agosto de 1976)

Ovar nunca teve praça de touros e somente a praia do Furadouro, no quintal da Assembleia, onde se ergueram bancadas e curral para o gado, viu garraiadadas.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Destas, tiveram fama as realizadas a 5 e 7 de Outubro de 1917, por amadores do Porto, Espinho e Aveiro.

A 15 de Agosto de 1976, numa praça desmontável, situada na rotunda do topo norte da avenida Infante D. Henrique, na praia do Furadouro, teve lugar uma corrida de touros, da empresa Fernando dos Santos, com a colaboração da câmara municipal. Intervieram neste primeiro espectáculo de touros no concelho de Ovar, o cavaleiro José M. Santana, os espadas José Júlio e Fernando dos Santos e o grupo de forcados amadores de Montemor que, capitaneados por José Manuel Comenda, efectuaram três pegas. Foram lidados touros da Cooperativa 18 de Agosto; uma banda de música abrilhantou o espectáculo, e os bilhetes foram desde 80\$00.

43 — Parque de campismo do Furadouro (9 de Junho de 1977)

A 9 de Junho de 1977, coincidindo como XI Acampamento Nacional, com a presença de cerca de 3000 companheiros campistas, com 900 caravanas e tendas, foi inaugurado, o Parque de Campismo do Duradouro.

O Parque de Campismo do Furadouro, a norte da praia, o maior de todos os parques particulares do País, acha-se instalado em terreno cedido pela Florestal de Aveiro. Pertença da câmara municipal, funciona em regime de exploração por contrato firmado entre a câmara e o Clube de Campismo de S. João da Madeira.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

No verão de 1979, funcionários camarários, protegidos pela PSP, destruíram um acampamento selvagem na praia do Furadouro.

44 — Paraquedismo (Setembro de 1977)

Em Setembro de 1977, na festa do mar, na praia do Furadouro, efectuou-se, pela 1.^a vez em Ovar, uma largada de paraquedistas.

45 — A monografia do Furadouro (1984)

Em 1984, a Câmara Municipal de Ovar publicou a obra do Dr. Eduardo Lamy Laranjeira - *O Furadouro. O povoado, homem e o mar* -, com prefácio do Dr. Alberto Sousa Lamy. Este, na sua *Monografia de Ovar* (1977), sistematizara já a pesca naquela praia.

46 — As visitas presidenciais ao Furadouro - General Ramalho Eanes (25 de Julho de 1984), Dr. Mário Soares (25 de Julho de 1989), e Dr. Jorge Sampaio (26 de Julho de 1998)

O General Ramalho Eanes, a 25 de Julho de 1984, na Rotunda do Carregal, descerrou um pequeno padrão inaugurando a nova avenida do Emigrante, ligando o Carregal ao Furadouro; na presença duma formatura dos Bombeiros de Ovar e Esmoriz.

O Presidente da República visitou, depois, o parque Desportivo do Clube D. do Furadouro.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A 25 de Julho de 1989, o Dr. Mário Soares deslocou-se à praia do Furadouro onde inaugurou O Monumento à Varina, obra do escultor António Lagoa Henriques. No local, onde «apanhou o único verdadeiro banha de multidão do dia» (Terras do Var), esteve presente uma grande representação do Centro Social do Furadouro e do Clube Desportivo da praia, tendo o Presidente da República passado por baixo das redes que lhe prestaram as respectivas honras do estilo.

O Presidente da República Dr. Jorge Sampaio, a 26 de Julho de 1998, teve no Furadouro uma recepção calorosa. Realizou-se, então, o lançamento da 1.^a pedra da 2.^a fase da Reconversão Urbanística da praia.

47 — O Mercado do Furadouro (1990)

Refere o Dr. Eduardo Lamy Laranjeira (*O Furadouro*, 1984), que «desde 1890 que foi aspiração da Praia possuir um mercado que servisse a grande colónia de veraneantes».

Em 23 de Setembro de 1918, em reunião ordinária, a câmara municipal deliberou construir um mercado; que ficasse localizado a sul da avenida Central e a poente da avenida Tomás Ribeiro. Porém, só em 1926 é que a ideia foi novamente retomada, e resolvida a construção dum mercado a descoberto».

O mercado veio a ser construído durante os anos quarenta, no Estado Novo, na rua da Capela Velha.

A 20 de Agosto de 1986, foi vendido, pela câmara municipal, o terreno deste 1.^o mercado do Furadouro; e, em 1990, as obras de construção



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

do novo mercado, na zona sul da praia, foram adjudicadas à empresa Construtora da Bairrada - Construções Limitada.

48 — *Surf e body-board* no Furadouro (1991)

A 16, 17 e 18 de Agosto de 1991, no Furadouro, realizou-se o 1.º campeonato de *surf e body-board*, com a participação de 132 concorrentes.

49 — O posto médico da praia do Furadouro (26 de Novembro de 1994)

A 26 de Novembro de 1994, na câmara da presidência do Dr. Armando França Rodrigues Alves, foi inaugurado o posto médico da praia do Furadouro. A 30 de Setembro de 1993, fora adquirido um rés-do-chão; propriedade de Maria Palmira Carvalho e Cunha Pacheco Nobre, para a sua instalação.

50 — O Primeiro-Ministro, Eng.º António Guterres, na praia do Furadouro (3 de Maio de 1996) - a inauguração da Reconversão Urbanística

O Primeiro-Ministro, Eng.º António Guterres, esteve na praia do Furadouro, a 3 de Maio de 1996, onde inaugurou, acompanhado pelo Presidente da Câmara Municipal, Dr. Armando França, e vereadores, a



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Reconversão Urbanística (1.ª fase) das avenidas Central e Marginal. Esta obra, iniciada em Janeiro de 1995, custou 260 000\$00.

51 — A fonte luminosa (13 de Setembro de 1997)

A 13 de Setembro de 1997, pelo Dr. Armando França, à noite, foi inaugurada a fonte luminosa que envolve o Monumento à Varina, na Praça da Varina, na praia do Furadouro.

52 — Toponímia do Furadouro na Segunda República (desde 1974)

– Arrais, rua dos

Em 1975, foi dado este nome à rua fronteira às casas dos Pescadores. Em 1984, porém, tendo sido dada a esta rua o nome de avenida Fernão de Magalhães, foi designada rua dos Arrais a rua, a sul, paralela à rua das Bateiras.

– Baldim, rua do

Em 1991, foi dado nome à artéria que, ao sul da praia do Furadouro, liga o largo dos Pescadores (e avenida Tomás Ribeiro) à avenida Infante D. Henrique.

– Banheiros, rua dos

Em 1991, foi dado este nome à rua paralela, a sul, à rua do Baldim, ligando a avenida Infante D. Henrique à avenida Tomás Ribeiro.

– Bateiras, rua das



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Em 1984, foi dado este nome à rua, no sul da praia, paralela à rua dos Arrais, e perpendicular à rua dos Escrivães das Companhas.

– Brandão, rua de Raul

Em 1975, foi dado este nome à rua que continua para norte a rua do Pintor Sousa Lopes.

– Camarinhas, rua das

Nome dado (1991) à artéria que se dirige deste a rotunda da avenida dos Descobrimentos, para norte, em direcção ao Parque de Campismo.

– Cão, rua Diogo

Nome dado (1984) à rua que no sul do Furadouro une a avenida Fernão de Magalhães à rua Gonçalves Zarco.

– Carvalho Araújo, rua de

Em 1975, foi dado este nome a uma pequena rua paralela à rua Gago Coutinho, situada entre a rua da Imprensa Portuguesa e a avenida Tomás Ribeiro, a norte da praia.

– Chinchorros, rua dos

No norte do Furadouro.

– Companhas, rua das

Nome dado (1975) à rua situada a sul da praia do Furadouro que confronta a poente com a rua da Imprensa Portuguesa, cruza a rua Tomás Ribeiro e termina na rua Sacadura Cabral.

– Descobrimentos, avenida dos

Em 1975, foi dada esta designação à artéria (circular norte) que se inicia na praça da Varina, passa frente à Igreja, e desemboca na avenida Infante D. Henrique, fronteira ao mar.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

– Eanes, rua Gil

Nome dado (1984) à rua que partindo da estrada do Furadouro, a poente da Nova Urbanização, entrada da praia, segue para sul até à rua Diogo Cão.

– Emigrantes, rua dos

Nome dado (1975) à rua paralela, pelo nascente, à rua Raul Brandão. Em 1984, a câmara municipal, tendo dado o nome de avenida do Emigrante, à artéria que liga o Carregal à praia (praça da Varina), deu à rua dos Emigrantes a designação de rua Gonçalo Velho.

– Escrivães das Companhas, rua

Em 1984, nas casas pré-fabricadas, foi dado este nome à rua paralela à rua João Pedro Mijoule, a nascente das últimas casas.

– Gago Coutinho, rua de

Na parte norte do Furadouro, em 1975, foi dado este nome à rua que começa ao sul do, então, Hotel Mar e Sol, na avenida Infante D. Henrique, e termina na rua Gonçalo Velho.

– Lavradores, rua dos

Nome dado (1975) a uma parte ao sul da praia do Furadouro, entre a rua das Companhas e o largo dos Pescadores.

– Magalhães, avenida Fernão de

Nome dado (1984) à antiga rua dos Arrais prolongada até à Rotunda (Circular Sul). Vai da avenida da República à praça da Varina.

– Mercantéis, rua dos



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Em 1975, foi dado, este nome à rua da praia que, iniciando-se um pouco ao sul do paredão do centro, fica paralela pelo sul à rua do Comércio, e termina na avenida da República.

– Mijoule, rua João Pedro

Nome dado (1984) à rua do sul da praia do Furadouro paralela à rua dos Moços do Chicote.

– Moços do Chicote, rua

Em 1984, foi dado este nome à rua paralela à avenida da República.

– Navegadores, praça dos

Nome dado (1997) a uma praça do Loteamento a poente da Capela do Furadouro.

– Pereira Dias, rua Manuel

Nome dado (1984) à estrada florestal que, partindo da estrada Ovar-Furadouro (avenida do Emigrante) segue até à rua de S. Pedro.

– Pêro Escobar, praceta

Em 1993, foi dado este nome à rua situada entre a rua Gonçalves Zarco e a travessa Diogo Cão, sendo paralela a ambas. É limitada a sul pela rua Diogo Cão.

– Pescadores, largo dos

Nome dado (1975) ao largo fronteiro à colónia de férias do Centro Vidreiro, na antiga fábrica A Varina. Este largo veio a ser suprimido em 1999.

– Sacadura Cabral, rua de



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Em 1975 foi dado este nome à rua que fica a nascente do bloco norte onde se acha o depósito de água, e começa, a sul na rua das Companhas e termina na avenida dos Descobrimento, a norte.

– São Pedro, rua de

Nome dado (1984) à rua que passa a nascente da capela e vai entroncar na Florestal.

– Senhor da Piedade, rua do

Em 1984, foi dado este nome à rua que parte da rua de S. Pedro, por detrás da capela, até à Florestal. Em 1991, passou a terminar na rua Manuel Pereira Dias.

– Sousa Lopes, rua do pintor

A 26 de Julho de 1975, foi dado este nome a uma rua da praia, a sul, na continuação da rua Raul Brandão. É paralela, pelo nascente, à avenida da República, tendo início perto da Escola do Furadouro e terminando na rua Álvares Cabral.

– Varina, praça da

Nome dado (1984) à praça onde se inicia a avenida do Emigrante (antiga estrada do Furadouro).

A 25 de Julho de 1989, sendo Presidente da Câmara José Augusto Pinheiro Guedes da Costa, foi inaugurado, pelo Presidente da República, Dr. Mário Soares, o Monumento à Varina, no centro desta praça. Obra em bronze, de António Lagoa Henriques, representa três varinas avançando em ritmo cruzado, duas figurando o presente, e terceira o passado. A 13 de Setembro de 1997, sendo da câmara o Dr. Armando França, foi inaugurada a fonte luminosa que envolve o Monumento.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

– Varinel, rua do

Esta rua inicia-se a nascente do local esteve implantado o Hotel Mar e Sol, vai da rua da Imprensa Portuguesa à avenida da República.

– Velho, rua Gonçalo

Nome dado (1984) à rua dos Emigrantes. Da avenida Ferrão de Magalhães à avenida dos Descobrimentos, entre a rua Sacadura Cabral e a rua Sousa Lopes.

– Xávegas, rua das

Arruamento transversal que faz a ligação entre a avenida da República e a rua Tomás Ribeiro, a norte da praia

– Zarco, rua Gonçalves

Nome dado (1984) à rua que, partindo da estrada do Furadouro segue para sul e a nascente da Urbanização. A praceta fica a nascente da Rotunda.

53 — Avenidas, largos e pracetas do Furadouro

1.º Avenidas:

- Avenida dos Bombeiros Voluntários do Porto
- Avenida dos Descobrimentos
- Avenida do Emigrante (Carregal - Furadouro)
- Avenida Fernão de Magalhães
- Avenida Infante D. Henrique
- Avenida da República
- Avenida Tomás Ribeiro

2.º Largos:



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

- Largo D. Maria Pia, (deixou de existir)

3.º Praças:

- Praça dos Navegadores

- Praça dos Pescadores (suprimido)

- Praça da Varina

4.º Pracetas:

- Praceta Gonçalves Zarco

- Praceta Pêro Escobar

Razões de ordem geográfica, demográfica, económica, social e cultural e outros

O Furadouro, administrativamente pertence à freguesia e cidade de Ovar, de cujo centro dista 5Kms. Tem já vida própria que lhe é conferida por cerca de 5000 habitantes em permanência e na época estival a sua população aumenta para mais de 20 000 pessoas.

A actividade piscatória e actividade industrial a ela ligada, que durante séculos constituíram a principal ocupação e forma de vida das suas gentes, está em declínio. Neste momento apenas duas companhias de pesca da Arte de Xávega se encontram em funcionamento.

Em contrapartida, com o advento do interesse sócio-cultural, lúdico e económico do uso de banhos de mar e da praia, cresceram exponencialmente quer o interesse das pessoas e a importância dos sítios e lugares onde tal é possível, quer as actividades que aí, e ligadas a tais novos interesses, foram sendo induzidas ou estabelecidas.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Disto decorre que a sua estrutura sócio-económica actual assenta predominantemente no comércio com cerca de 200 estabelecimentos nos ramos mais diversificados, bem como na prestação de serviços e na construção civil, para satisfazer a procura quer dos residentes quer da população dos concelhos vizinhos, nomeadamente Santa Maria da Feira, São João da Madeira, Oliveira de Azeméis e Vale de Cambra, que aqui procuram a sua segunda habitação.

Quanto a infra-estruturas básicas, a praia do Furadouro está dotada de redes de:

- Saneamento básico;
- Águas pluviais e;
- Abastecimento de água.

O Furadouro tem:

- Luz eléctrica;
- Telefones;
- Bons arruamentos;
- Fáceis acessos rodoviários;
- Transporte públicos assegurados por duas empresas rodoviárias e;
- Praça de táxis.

A Câmara Municipal de Ovar concluiu uma importante obra de valorização do espaço público, com a reconversão das avenidas Central e Marginal, dotando-as de novo piso, mobiliário urbano adequado e arborização, transformando-as em folgados, seguros e belos espaços pedonais.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Estas obras, cujos custos ultrapassaram os 300 mil contos, foram participadas pelo Fundo de Turismo, com verbas provenientes da concessão da zona de jogo de Espinho.

Ao serviço da comunidade existem:

- Estação dos CTT;
- Posto médico;
- Mercado municipal;
- Parque de campismo;
- Caixa ATM (multibanco);
- Escola de 1.º ciclo do Ensino Básico;
- Dois Jardins de Infância;
- Uma creche e um ATL (actividades nos tempos livres);
- Campo de futebol de cinco;
- Courts de ténis;
- Uma igreja e casa mortuária.

No que respeita a organismos de índole cultural; artística, recreativa, desportiva e social, existem:

- Clube, Desportivo do Furadouro;
- Centro de Promoção Social;
- Comissão de Melhoramentos do Furadouro;
- Agrupamento 1051 do Corpo Nacional de Escutas;
- Grupo de Carnaval Pierrots,
- Grupo Coral Sol Poente e;
- Associação de Moradores Habitar É Viver.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A instituição da nova freguesia do Furadouro não priva a de origem - Ovar - dos recursos indispensáveis à sua manutenção, nem da globalidade dos requisitos exigíveis pela Lei n.º 8/93, de 5 de Março. A freguesia de Ovar tem mais de 15 000 habitantes e uma área de 52,64 Km², estando recenseados cerca de 13 000 eleitores.

Furadouro - Área proposta - 8,46 Km²

Habitantes - cerca de 5000

Ovar - Área actual - 52,64 Km² (futura - 44,18 Km²)

Habitantes – 14 124 (censos 1991)

Assim, cumpre o Furadouro os requisitos necessários à criação de freguesia constantes da Lei n.º 8/93, de 5 de Março, nomeadamente os indicadores e critérios técnicos referidos nos artigos 4.º e 5.º.

Nestes termos, ao abrigo das disposições constitucionais e regimentais aplicáveis, os Deputados abaixo assinados apresentam o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º

É criada, no concelho de Ovar, a freguesia do Furadouro, com sede na localidade do Furadouro.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Artigo 2.º

Os limites territoriais da freguesia, conforme representação cartográfica anexa são:

– A nascente, pela EN 327, até ao Arrife 3 (150m após o cruzamento com a rua Monsenhor Ferreira Soares) prolongando-se por este Arrife até à freguesia de Arada;

– A poente, pelo Oceano Atlântico;

– A norte, pela freguesia de Arada;

– A sul, por uma linha paralela à avenida do Emigrante, distando 1000 metros desta, entre a EN 327 e o Oceano Atlântico.

Artigo 3.º

A comissão instaladora da nova freguesia será constituída nos termos e nos prazos previstos no artigo 9.º da Lei n.º 8/93, de 5 de Março.

Artigo 4.º

A comissão instaladora exercerá as suas funções até à tomada de posse dos órgãos autárquicos da nova freguesia.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Artigo 5.º

São alterados os limites da freguesia de Ovar por efeito da desanexação das áreas que passam a integrar a nova freguesia do Furadouro e em conformidade com a presente lei.

Artigo 6.º

A presente lei entra em vigor cinco dias após a sua publicação.

Assembleia da República, 2 de Setembro de 2002. — Os Deputados do PSD: *Manuel Oliveira — Luís Montenegro — Jorge Tadeu Morgado — Cruz Silva — José Manuel Ribeiro — Isménia Franco — Gonçalo Breda Marques — Pina Marques.*